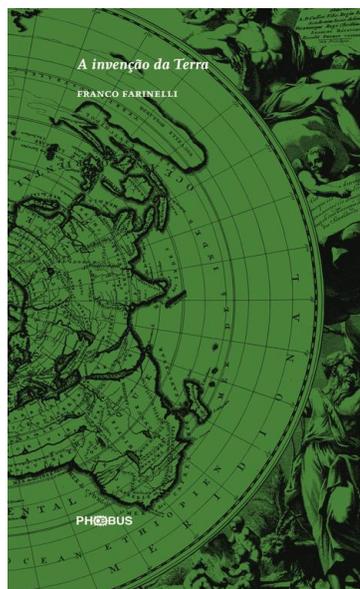


## Resenha

FARINELLI, Franco. *A invenção da terra*.  
Tradução: Francisco Degani. São Paulo:  
Editora Phoebus, 2013. 144 p.



*Douglas Santos*  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
[douglassan@terra.com.br](mailto:douglassan@terra.com.br)

Não posso negar: quando recebi uma mensagem eletrônica informando do lançamento do “A Invenção da Terra”, do geógrafo italiano Franco Farinelli (Editora Phoebus, São Paulo, 2013) aquele lado do cérebro onde se processa a curiosidade foi imediatamente acionado. Li a parte da nota de Sergio Valzania (que se encontra completa no próprio livro) e, imediatamente, entrei em contato com amigos no Brasil. Precisava ler o livro

de Farinelli. Os motivos eram muitos e o primeiro deles é, por si mesmo, praticamente definitivo: eu já escrevi sobre o assunto<sup>1</sup> e, pelo que pude antever na mensagem, havia a possibilidade de, mesmo sem nos conhecermos, termos seguido caminhos semelhantes. O segundo motivo é, de fato, devastador: continuo escrevendo sobre o tema e preciso saber o que os pouco geógrafos que tocam nesse assunto estão pensando.

Contatos feitos, livro nas mãos, dediquei-me imediatamente a lê-lo. Tarefa realizada, ficou ainda algo a ser feito: um comentário por escrito, uma resenha, algo que possa colocar, de forma pública e direta, perguntas à obra recém lançada. Bom... é isso que estou fazendo agora.

Iniciemos pelo título: *A Invenção da Terra*. No mínimo, um título interessante. Pressupõe que a Terra, tal como hoje a entendemos, é, antes de tudo, uma invenção. Pressupõe que, tal como o livro procurará mostrar, já pensamos a Terra das mais diferentes maneiras; que cada povo, em cada época, construiu uma ideia de Terra e que, nos dias de hoje, independentemente da Terra existir de fato, o que entendemos que ela seja é fruto também de nossa criatividade.

Claro, e isso também me chama a atenção, há muitos riscos nesse título e alguns deles não foram resolvidos pelo autor. Mas, assumir riscos é, a princípio, uma virtude quando se trata do mundo acadêmico, muitas vezes avesso a essa prática, mesmo que possamos afirmar que os grandes movimentos da História do conhecimento humano esteja sempre associado a algum tipo de risco.

Imaginemos que a noção de big-bang seja uma invenção<sup>2</sup> (e, evidentemente o é) e que a ideia que temos de que nosso planeta é o resultado da agregação de poeira cósmica, seja uma invenção derivada da primeira (e, mais uma vez, evidentemente, o é); será que podemos dizer que, pelo fato de imaginarmos ser a nossa ideia de Terra uma criação cultural, isso significa que o planeta, enquanto tal, só existe nessa condição? É a Terra uma invenção, pura e simplesmente? Estou mais acostumado a tratar com categorias associadas ao método (mesmo que algumas delas tenham sido, do ponto de vista da metafísica, associadas ao fenomênico, como Espaço e Tempo) mas, de

---

<sup>1</sup> SANTOS, D. *A Reinvenção do Espaço*. São Paulo, Ed. Unesp. 2002

<sup>2</sup>Vale observar que estou utilizando a expressão “invenção” como “criação” (e assim imagino que o fez o autor do livro que estou comentando) e tal conotação não está associada a nenhum ato arbitrário e sem fundamento. A ideia é que o que dizemos da Terra é o que somos capazes de sistematizar sobre a relação que com ela possuímos. Em que medida o que dizemos é mais ou menos verdadeiro, é um embate que não poderemos resolver aqui. Como indicação bibliográfica fica a indicação das proposições feitas por Henry Lefebvre em seu “Lógica Formal/Lógica Dialética, principalmente no que se refere ao primeiro capítulo, onde o autor discute o significado de “metafísica”. (Rio de Janeiro; Civilização Brasileira: 1979)

qualquer maneira, mesmo que a relação entre o que pensamos ser a Terra e aquilo que ela seja de fato (se é que isso existe), tenha uma diferença mais que considerável, teríamos muita dificuldade em considerar que a Terra seja, primeiramente, somente aquilo que pensamos que ela seja e, a seguir, que seja simplesmente o fruto do nosso pensamento.

Uma dúvida desse tamanho, creio, só poderá aumentar ainda mais a curiosidade de qualquer leitor que se interesse pelo tema. Vamos, então, ao segundo passo: a nota de Sergio Valzania.

Vou reproduzir aqui o mesmo trecho que me foi enviado pelo editor na época do lançamento:

Antes da invenção dos aviões, nunca ninguém havia visto o mundo do alto, até o alpinismo é uma experiência recente. Contudo, a cartografia desenvolveu-se desde a Antiguidade e não foi um processo nada simples, linear ou compartilhado. Farinelli nos explica quanto trabalho, pesquisa e fantasia foram precisos para construir uma visão de mundo. E quão pouco ela seja necessária, no sentido em que não tem alternativas. (Valzania, op. cit.: 08)

Para nós, geógrafos, as observações de Valzania são, no mínimo, curiosas. Olhar o mundo “de cima” e desenhar o mundo para representar lugares e percursos, não é e nunca foi a mesma coisa. Na sequência somos levados a crer que criar uma visão de mundo e o desenvolvimento da cartografia são uma e a mesma coisa e, no final, temos uma frase de difícil compreensão: ter uma visão de mundo é algo pouco necessário? Justamente porque não temos alternativa? Que será que isso quer dizer?

Perguntas e mais perguntas: tudo para aumentar a curiosidade e, finalmente, entrarmos no texto de Farinelli.

Começemos por onde o autor começa: Capítulo 1 (As duas formas da Terra), primeira frase do primeiro parágrafo (página 11)

Um dia, lendo a Divina Comédia, um filósofo percebeu algo que lhe pareceu extraordinário. É claro que para Dante a Terra é uma esfera: ele inicia sua viagem ao amanhecer de uma sexta-feira, atravessa toda a terra e ao meio-dia da quarta-feira seguinte, sai pelo outro lado para ‘rever a estrelas’ como aprendemos desde pequenos...

Foi com essa frase que comecei a ler e foi com ela e por ela que meus questionamentos se transformaram em profunda desconfiança: quem é esse filósofo que disse o que Farinelli disse que ele disse? A ideia de hemisfério está clara nos cantos XXXIV e XXXV da Divina Comédia e o lugar onde Dante sai não é outro que a ilha do purgatório. Acontece que, mesmo que a noção de “outro hemisfério” não nos leve, necessariamente, ao lado oposto de onde

partimos; que consideremos o fato de que a fantasia de Dante só seria possível se considerasse a Terra como um sólido que tivesse em seu interior a possibilidade de “ser o inferno” e, mais que isso, que consideremos que, na época de Dante, ocorreu a retomada do pensamento aristotélico-ptolomaico por Thomaz de Aquino (tal como poderemos observar no “Tratado da Esfera” de Sacrobosco<sup>3</sup>), o que resta como pergunta é a curiosidade quanto ao lugar em que esse misterioso filósofo descobriu algo tão óbvio. Como podemos ter o prazer de, à partir da informação de Farinelli, acessarmos os mesmos textos que o ajudaram a escrever sua obra<sup>4</sup>?

Um filósofo... sujeito simples, direto e ao mesmo tempo vago e indefinido o suficiente para que nunca saibamos de quem, de fato, se trata e, portanto, só Farinelli saberá a resposta a tal segredo. Numa rápida avaliação, trata-se de uma liberalidade que, para um texto acadêmico, tendo a chamar a atenção de meus alunos e eventuais leitores a evitar.

O texto vai se tornando, então, mais e mais instigante. Quando chegamos na página 12, vamos encontrar o seguinte:

(...) Mas o Universo de Dante, prosseguia o filósofo (sic), é um universo onde a Terra é plana e estática e, portanto, acaba por ser, ou pelo menos parecer, justamente o contrário daquela que do ponto de vista astronômico sabe-se que é e deveria continuar a ser: não mais redonda, não mais em movimento, mas imóvel e principalmente plana como uma mesa de bilhar.

O misterioso filósofo chegou mesmo a afirmar que apesar de ter que imaginar a Terra como uma sólido e de ter proposto que, ao sair do inferno, estaria em outro hemisfério, no Universo de Dante a Terra era plana (como uma mesa de bilhar) e estática. Em que momento daquela retomada da física aristotélica se fazia afirmações de que a Terra não seria estática e que não estava no centro do Universo? Se nem Dante, nem os teólogos da época fizeram tal afirmação, qual seria o significado desse contraponto no texto? Como podemos afirmar que, no imaginário de algum povo, a Terra seria plana como uma mesa de bilhar? O plano é o contraponto do esférico?

Bem... as duas primeiras páginas do *A Invenção da Terra* foram, de fato, frustrantes quando comparadas às minhas expectativas de leitor. Mas as dificuldades não pararam aí. Ainda antes de terminar a página 12 e se continuarmos pela 13, poderemos ler o que segue:

---

<sup>3</sup>SACROBOSCO, J. *Tratado da Esfera*. São Paulo: Unesp, 1991.

<sup>4</sup>Numa primeira tentativa de responder a tal pergunta, fui direto à bibliografia e lá encontrei uma pequena lista de obras, indicadas por responsabilidade do editor. Farinelli não nos indica qualquer bibliografia.

Entra em campo, depois do filósofo, o historiador da ciência, que diz não ser verdade nada do que o filósofo pensa. Ele relembra uma verdade indiscutível: antes de Cristóvão Colombo a Terra não era pensada de forma alguma com estática e plana, como o filósofo declara. A ideia de que a descoberta da América tenha resultado na descoberta da esfericidade da Terra é ‘uma completa balela’, uma grande que tem sua explicação em algumas polêmicas modernas entre ciência e fé. Mas todos aqueles que já tivessem lido um livro, continua polemizando o historiador da ciência com o filósofo, saberiam perfeitamente, e desde sempre, que a Terra era redonda: de Pitágoras, ou seja, do século VI a.C., até Kepler, passando por Aristóteles, Euclides (....)

Bom... creio que o exemplo é mais que suficiente para entendermos a maneira como Farinelli brinca com as palavras, com seus conceitos e vai, com extrema facilidade, colocando sua discussão nos limites da especulação que pretende provar. Quando nos informa que “depois do filósofo” teremos um historiador da ciência, o autor não faz mais que brincar com o leitor. Na página anterior tínhamos “um filósofo<sup>5</sup>” lendo *A Divina Comédia* de Dante. Depois temos “o filósofo” como se o fato de se ser filósofo nos levasse necessariamente a afirmar o que aqui está sendo dito. Agora temos a presença do historiador da ciência, um ser genérico que, segundo nosso autor, necessariamente vai afirmar o que segue no texto. Já não é mais necessário que este historiador seja alguém a ser citado, o que temos que acreditar é que todos os historiadores da ciência discordam do que é afirmado por todos os filósofos, quando o que está em pauta é o como a noção de Terra foi sendo construída pela humanidade.

Vamos, agora, a algumas conclusões propostas na página 15:

(...) ainda hoje vivemos uma cisão, um conflito radical acerca de nossa concepção de mundo. Quanto a isso, somos realmente, ambivalentes: sabemos perfeitamente que a Terra é uma esfera, mas teríamos problemas se em nossa vida diária nos comportássemos como se ela o fosse. Não apenas não nos entenderíamos e não teríamos sentimentos – esta era a tese talvez um pouco extremada do filósofo -, como também teríamos muito mais dificuldade em viver do que já temos hoje. Essa ambivalência ainda precisa ser explicada.

Será mesmo? Não estaríamos (pelo menos a maior parte da população escolarizada) vivendo o mais profundo significado da relação entre aparência e essência e, neste caso, a relação que se materializada na consciência da

---

<sup>5</sup>Na página 16 o autor chega a afirmar que o mundo do filósofo é um mundo de iconoclastas, isto é, de pessoas que negam a possibilidade de existência das imagens. Tal afirmação nos leva a desconfiar que relação entre o autor e os filósofos deve ter se resumido a uma amostragem muito pequena e homogênea.

dimensão escalar contida em cada leitura de mundo? Não estaríamos vivendo para muito além da simples antinomia, mas mergulhados profundamente na relação dialética entre o sensorio e o entendimento?

Quando sabemos que o mundo em que vivemos se assemelha muito a uma esfera, tal “estar ciente” em nada se contrapõe ao fato de que falar do “mundo” como um todo ou falar do lugar em que estou, isto é, não são afirmações contrapostas a tal ponto que possam se eliminar. Aprendemos a viver com a ideia de que só vemos o mundo como o vemos porque há uma diferença escalar que dá significado e posicionamento ao sujeito que observa. Vemos o Sol surgir num dos lados do nosso horizonte e, depois de atravessar o céu, se esconder do outro lado. O que vemos já tinha sido visto pelos gregos ou por quaisquer outros povos que se queira, mas, hoje, ao mesmo tempo que temos certeza do que nossos sentidos conseguem capturar, temos igual certeza de que ele nos engana e que, numa outra escala (e, portanto, a uma outra distância do fenomênico) o que veremos é a Terra em seu movimento de rotação. É o mesmo parâmetro que nos fará acreditar na existência de vírus, átomos e buracos negros.

Tratar-se-ia de um grave problema para Aristóteles, mas não o foi para a imaginação de Copérnico ou Galileu. Tal como hoje, no nosso imaginário, conseguimos conceber o big-bang e um universo em expansão, sem que isso nos coloque em confronto direto com o fato de que nossos sentidos mais básicos não nos levam diretamente a tais conclusões<sup>6</sup>.

Vamos ao capítulo 2 (já na página 17), intitulado com uma relação ainda mais enigmática que o título de livro: “O logos é a tábula”. O autor nos ajuda a entender o significado de seu título? Bem... vamos ler o capítulo e ver o que é possível se fazer.

(...) para reconstruir a História é preciso partir do início, aliás, do início do início, do princípio, como em todas as histórias respeitáveis.

Mais uma vez, não sabemos se somente estamos nos defrontando com um certo senso de humor ou se o autor acredita, de fato, no que nos diz. Como se verá, o trecho que dá início à História desde seu início, são os primeiros versículos do gênesis. Muitas são as dúvidas que podem ser colocadas a partir daí e a primeira delas, e aparentemente a mais óbvia, é se realmente para reconstruir uma História é preciso começar do início, se é que é possível a qualquer historiador identificar onde fica ou que registro pode, de fato, ser considerado como o início de qualquer coisa.

---

<sup>6</sup>Vale revisitar Geza Szamosi e sua proposição de “percepção mamífera” in SZAMOSI, G. *Tempo & Espaço: As Dimensões Gêmeas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988.

A segunda pergunta está na proposição de que os primeiros versículos do gênesis nos indicaria o início de algo, para além do fato de ser o início tradicional do primeiro livro do que nós, na tradição cristã, chamamos de Bíblia. Vale lembrar que a tradição judaica não é a mais antiga versão sobre o surgimento da Terra e, assim, sob nenhum aspecto teremos aqui o início do início do começo.

Mas... voltemos ao texto que se encontra nas páginas 17 e 18:

No princípio, Deus criou os céus e a Terra, e a Terra era informe e vazia; as trevas cobriam a face do abismo e o Espírito de Deus pairava sobre a superfície das águas. E Deus disse Faça-se a luz e a luz foi feita, Deus viu que a Luz era boa e separou a luz das trevas. Deus chamou à luz dia e às trevas noite. Veio a tarde, depois a manhã e foi o primeiro dia. Deus disse: Faça-se um plano entre as águas – em algumas versões pode-se encontrar uma atmosfera ou ainda um firmamento, é a mesma coisa – que as separe umas das outras, e Deus fez o plano e separou as águas que estavam debaixo do plano das que estavam em cima. E Deus chamou o plano de céu. Veio a tarde, depois a manhã e foi o segundo dia. Deus disse: que as águas que estão debaixo dos céus se reúnam num mesmo lugar e apareça o elemento seco, e Deus chamou ao elemento seco terra e à reunião das águas mares, e Deus viu que isso era bom.

A citação é longa, mas isso tem um propósito. É sobre ela que o autor fará suas digressões iniciais e os detalhes, como se verá, serão importantes. De todos os detalhes vou me alongar somente sobre um deles: aquele em que Deus separa as águas mandando fazer um plano.

Vejamos os comentários de Farinelli, na página 20:

A Criação acontece, segundo o Gênesis, através de um duplo desdobramento dos espaços, que somente a interposição de um plano, isto é, de uma superfície plana ideal – a mesma que havia, no início do início, consentido dar uma face ao abismo – consegue produzir, permitindo separar a Terra do céu. (...) Essa passagem, que é decisiva, muito frequentemente é negligenciada, não se dá a ela a importância crucial que tem, mas é em virtude dela que a Terra finalmente se torna a Terra.

A passagem parece crucial e me colocou frente a um problema obviamente insolúvel: não tenho formação em estudos bíblicos para tecer muitos comentários sobre tudo isso. De qualquer forma, a ideia de que Deus havia mandado fazer um “plano” estimulou minha curiosidade, me levando a algumas pesquisas e à formulação de mais algumas perguntas ao nosso geógrafo-teólogo. Claro, desconhecemos a versão da bíblia usada por Farinelli e a saída foi pesquisar na versão em latim da nova vulgata<sup>7</sup>(que pode ser vista

---

<sup>7</sup>Tal como se encontra no site Bibliaonline (<http://www.bibliaonline.com.br/acf+tnv/gn/1>)

no site indicado, comparando com a tradução para o português, italiano e mais algumas línguas). Trata-se do versículo 6 e, tal como minha memória insistia em afirmar, a expressão latina que a versão de Farinelli identifica como “plano” na “nova vulgata” é identificada como “firmamentun”, na tradução para o português se usa a expressão “separação”, enquanto na versão italiana a expressão utilizada é “distesa”.

Claro! Tudo isso nos leva a um labirinto terrível! A expressão “firmamentun”<sup>8</sup>, em sua etimologia, além de nos dar a ideia de separação, nos indica, igualmente, a noção de “sustentação”. Trata-se, portanto, de se criar algo que separe o céu da terra e não deixe nada cair. Tudo isso, em nenhum momento nos diz se o firmamento é plano ou rugoso ou, simplesmente, esférico.

Fica portanto a dúvida sobre a forma como o autor de *A Invenção da Terra* (uma ideia que, repito, é ousada e pode nos trazer um conjunto amplo de questionamentos absolutamente saudáveis), trata suas referências e as manipula para que se ajustem às suas próprias informações.

Que posso dizer a partir daqui? Que li o livro até o final, mais em sinal de protesto que, propriamente, por ter imaginado que nele encontraria perguntas e respostas convincentes e bem articuladas. Que dizer a você que, porventura, teve a paciência para chegar até este meu final? Bem... aproveite e leia “A Invenção da Terra”. Quem sabe você encontra algo que não consegui observar?

---

Douglas Santos

Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.  
Mestre em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.  
E-mail: douglassan@terra.com.br

---

Recebido para publicação em maio de 2013  
Aprovado para publicação em junho de 2013

---

<sup>8</sup> Verificar: Cunha, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.